

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa  
Prova 734 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2019**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho | Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

---

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

## GRUPO I

Leia o excerto de *Amor de Perdição*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas.

---

### Contextualização

Simão Botelho, condenado ao degredo, foi intimado a partir para a Índia na primeira embarcação. Reclusa no convento de Monchique por imposição de seu pai, Teresa, gravemente doente, na iminência da morte, recebera na véspera o adeus de Simão e enviara-lhe, como resposta, a trança dos seus cabelos.

---

Ao anoitecer daquele dia, pediu Teresa os sacramentos, e comungou à grade do coro, onde se foi amparando à sua criada. Parte das horas da noite passou-as sentada ao pé do santuário de sua tia, que toda a noite orou. Algumas vezes pediu que a levassem à janela que se abria para o mar, e não sentia ali a frialdade da viração. Conversava serenamente com as freiras, e despedira-se de todas, uma a uma, indo por seu pé às celas das senhoras entrevadas para lhes dar o beijo da despedida.

Todas cuidavam em reanimá-la, e Teresa sorria, sem responder aos piedosos artifícios com que as boas almas a si mesmas queriam simular esperanças. Ao abrir da manhã, Teresa leu uma a uma as cartas de Simão Botelho. As que tinham sido escritas nas margens do Mondego enterneciam-na a copiosas lágrimas. Eram hinos à felicidade prevista: eram tudo que mais formoso pode dar o coração humano, quando a poesia da paixão dá cor ao pensamento, e uma formosa e inspirativa natureza lhe empresta os seus esmaltes. Então lhe acudiam vivas reminiscências daqueles dias: a sua alegria doida, as suas doces tristezas, esperanças a desvanecerem saudades, os mudos colóquios com a irmã querida de Simão, o céu aromático que se lhe alargava à aspiração sôfrega de vagos desejos, tudo, enfim, que lembra a desgraçados.

Emaçou depois as cartas, e cintou-as com fitas de seda desenlaçadas de raminhos de flores murchas, que Simão, dois anos antes, lhe atirara da sua janela ao quarto dela.

As pétalas das flores soltas quase todas se desfizeram, e Teresa, contemplando-as, disse: «Como a minha vida...» e chorou, beijando os cálices desfolhados das primeiras que recebera.

Deu as cartas a Constança, e encarregou-a de uma ordem, a respeito delas, que logo veremos cumprida.

Depois foi orar, e esteve ajoelhada meia hora, com meio corpo reclinado sobre uma cadeira. Erguendo-se, quase tirada pela violência, aceitou uma xícara de caldo, e murmurou com um sorriso: «Para a viagem...»

Às nove horas da manhã pediu a Constança que a acompanhasse ao mirante, e, sentando-se em ânsias mortais, nunca mais desfitou os olhos da nau, que já estava de verga alta, esperando a leva dos degredados.

Quando viu, a dois a dois, entrarem amarrados, no tombadilho, os condenados, Teresa teve um breve acidente, em que a já froixa claridade dos olhos se lhe apagou, e as mãos convulsas pareciam querer aferrar a luz fugitiva.

Foi então que Simão Botelho a viu.

E ao mesmo tempo atracou à nau um bote, em que vinha a pobre de Viseu chamando Simão. Foi ele ao portaló, e, estendendo o braço à mendiga, recebeu o pacotinho das suas  
35 cartas. Reconheceu ele que a primeira não era sua, pela lisura do papel, mas não a abriu.

Ouviu-se a voz de levar âncora, e largar amarras. Simão encostou-se à amurada da nau, com os olhos fitos no mirante.

Viu agitar-se um lenço, e ele respondeu com o seu àquele aceno.

Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, edição de Anibal Pinto de Castro, Porto, Caixotim, 2006, pp. 284-286.

## NOTAS

*amurada* (linha 36) – parte saliente dos bordos de um navio, que serve de parapeito aos tripulantes.

*coro* (linha 1) – parte da igreja onde se recitam os ofícios divinos ou se entoam os cânticos religiosos.

*de verga alta* (linha 27) – preparada para partir.

*Emaçou* (linha 17) – juntou em maço.

*os sacramentos* (linha 1) – os últimos sacramentos, ministrados quando alguém está próximo da morte.

*portaló* (linha 34) – abertura na amurada, por onde se entra e se sai do navio.

*tombadilho* (linha 29) – parte mais elevada de um navio; convés.

*viração* (linha 4) – vento brando e fresco que sopra, em geral, do mar para a terra.

1. Caracterize os espaços em que as personagens Teresa e Simão Botelho se movimentam.
2. Explícite o sentido da expressão «Eram hinos à felicidade prevista» (linha 10).
3. Na linha 21, o narrador faz referência a uma «ordem» cujo teor só virá a ser revelado mais tarde.  
Apresente dois dos efeitos produzidos por este processo narrativo.
4. Refira o valor simbólico dos acenos trocados entre Teresa e Simão Botelho.

## GRUPO II

Leia o poema.

Quem fala de partir, de despedidas...  
Quantas vezes parti na minha vida,  
me despedi de vez de gente e de lugares  
a que voltei para encontrá-los outros...  
5 Nem contar posso. E às vezes despedir  
foi só pisar com vã melancolia  
as ruas de cidades onde não deixava  
ninguém que me lembrasse. Às vezes foi  
apenas receber por um relance vago  
10 a imagem de um recanto ou de uma luz  
iluminando nevoentos muros...  
Não muitos terão tido a vida inteira  
esta febre de andar por vários mundos  
buscando ansioso o nada nosso e deles  
15 que ao menos nada finge em gente e coisas...  
E não terão, portanto, na memória  
o tanto haver partido para longe,  
para saberem que se parte sempre,  
e não se volta nunca. O mesmo amor  
20 que fiel aguarda o regressarmos não  
é o mesmo já, mesmo se mais ardente  
sob os cabelos que lhe são mais brancos.

Londres, 15/3/1973

Jorge de Sena, *Poesia 2*, edição de Jorge Fazenda Lourenço, Lisboa, Guimarães, 2015, pp. 726-727.

1. Refira dois dos traços que caracterizam a figura de viajante representada no poema.
2. Indique o sentido da expressão «vã melancolia» (verso 6).
3. Neste texto, o sujeito poético realça a diferença entre a sua experiência e a experiência de outros.  
Justifique esta afirmação, tendo em conta os versos 12 a 19.
4. Explícite dois aspetos do tema do regresso, tal como é tratado neste poema.

### GRUPO III

«A mulher tem, na poesia de Camões, uma presença extremamente intensa e marcante, mesmo quando é descrita à distância ou evocada. Pode ser apresentada de modos bastante diversos, em íntima correlação com o estado de espírito do poeta.»

Rita Marnoto, «Petrarquismo em Camões», in *Dicionário de Luís de Camões*, coordenação de Vítor Aguiar e Silva, Alfragide, Caminho, 2011, p. 682.

Tendo em conta a sua experiência de leitura da lírica camoniana, desenvolva as ideias expostas na citação apresentada, fazendo referência a redondilhas e a sonetos do poeta.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2019/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

Grupo	Item				Cotação (em pontos)
	1.	2.	3.	4.	
I	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
II	20	20	20	20	80
	20	20	20	20	
III	Item único				40
TOTAL					200

**Prova 734**

2.<sup>a</sup> Fase